

O léxico patrimonial no quinhentismo português

Fernando Venâncio
Universiteit Amsterdam
fmvenancio@hotmail.com

IV Congresso Internacional de Linguística Histórica,
Universidade de Lisboa, Julho de 2017
(ebook em preparação)

Resumo

Através do exame de vários sectores do léxico (adjectivos, verbos, deverbais regressivos), estuda-se o comportamento de autores portugueses do século XVI em matéria patrimonial. Procede-se à identificação dos adjectivos autóctones documentados desde o início da escrita em romance, especificando quer os que pertencem também ao léxico normativo galego, quer os exclusivos do português. No panorama quinhentista, destacam-se, com numerosas estreias vernáculas, os dramaturgos Gil Vicente e Jorge Ferreira de Vasconcelos, que reactivam e ampliam a documentação do léxico hereditário. Regista-se, em forte contraste, o escasso contributo vernacular de Luís de Camões e, algo paradoxalmente, de autores conotados com a 'defesa' do idioma.

Palavras-chave: léxico patrimonial, continuidade, Galego, Português, Camões

O estudo histórico do nosso idioma apresenta tradicionalmente duas falhas notórias: dá-se diminuta atenção ao *léxico* e é fraca também a percepção da *continuidade* dos materiais.

Estudam-se intensivamente, e bem, a fonologia, a morfologia e alguma sintaxe, mas uma História do Léxico português não foi, até hoje, além de exames pontuais. Citem-se dois estudos centrados no panorama oitocentista: o de Mário Vilela (1980) e o de Telmo Verdelho (1981). Sublinhem-se, igualmente, o labor lexicológico de Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre (2007), a edição de ambos da *Ortografia* de Madureira Feijó (2008), assim como diversos estudos de Maria Filomena Gonçalves (2005, 2007). De algum exame histórico *material* ocuparam-se o alemão Joseph M. Piel e o austríaco Dieter Messner, assim como os autores da *História da Língua Portuguesa* em seis pequenos volumes da Editora Ática, São Paulo, aparecidos em 1987 e 1988. Rotineiramente, os historiadores do idioma copiam e recopiam dados avulsos que não verificaram. Em suma: o estudo sistemático do nosso acervo histórico vocabular continua largamente por fazer.

Entretanto, mesmo os domínios gramaticais acima referidos são habitualmente examinados sob a perspectiva da 'mudança', quase nunca sob a da 'continuidade'. Nos melhores casos, atenta-se também na 'variação', ou na 'elaboração' e 'standardização' do idioma. Eloquentemente é, neste particular, Clarinda Maia, quando evoca «o estudo da História da Língua Portuguesa, cujo *objectivo* é a descrição e a explicação da *mudança* sofrida pela nossa língua», ou ainda quando refere «a natureza da *mudança* linguística, questão que constitui o *centro* de toda a investigação histórico-linguística» (1995:37, destaques meus).

Concedido: os *traços* fonológicos e morfológicos, naturalmente moveidinhos, permitem contar melhor a História. Mas verdade é, também, que o exame dos *materiais*, por mais estáveis, geraria efeitos de profundidade e poria em evidência as continuidades e permanências que dão coesão e sentido aos demais processos.

Ao inscrever-se numa ainda só almejada História do Léxico Português, o presente estudo assume o seu carácter pioneiro, com os riscos inerentes. Agradecem-se pois, desde já, toda a informação adicional e a correcção de eventuais lapsos.

Observações metodológicas

1. Entende-se aqui por *léxico patrimonial* o fundo vocabular hereditário, isto é, o conjunto de materiais vocabulares exclusivos do idioma. Trata-se quer de criações autóctones, mormente obtidas por derivação de vocábulos patrimoniais ou não, quer de latinismos chegados por via popular. Não são, pois, tidos aqui em conta os *cultismos* e *semicultismos* de origem latina, mesmo quando de remota data, como *arguto* (<argutu-), *infindo* (<infinitu-) ou *seródio* (<serotinu-).

2. Procedeu-se à identificação tendencialmente exaustiva do léxico patrimonial *adjectival* até 1600, recolhendo quer os materiais que perduraram quer os que não sobreviveram. Reconheça-se, de passagem, alguma tautologia nisso. Com efeito, foi a maior ou menor relevância de determinado léxico numa época tornada 'clássica' e 'exemplar' o que condicionou a sobrevivência dele. Nesse conjunto histórico, distinguimos os adjectivos que fazem parte do actual léxico normativo galego (sendo referência o *Dicionario* da Real Academia Galega ou o *Dicionario Xerais*) e os que hoje só constam do português (sendo referência o *Dicionário Eletrónico Houaiss*). Importa-nos, em ambos os casos, o vocabulário efectivamente corrente, estando matérias dialectológicas fora do escopo deste estudo. Insista-se no carácter 'normativo' do léxico galego de referência, que não inclui certos vocábulos de razoável circulação, como *amaldizado* / *maldizado* ou *doudo* / *doido*.

3. A informação lexical *galega* é fundamental: ela actua como 'máquina do tempo', evidenciando maior antiguidade em vocábulos de

tardia documentação portuguesa. Sejam exemplo disto *idoso*, *rabugento* e *tolo*, encontráveis em Gil Vicente, ou *acanhado*, *corriqueiro* e *destemido*, testemunhados no teatro (1547-1555) de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Por isso, quando aqui se utilizarem os termos 'autóctone', 'vernáculo' ou 'hereditário', será como sinónimos de 'patrimonial', sendo igualmente aplicáveis ao galego naquilo em que ele e o português coincidem. Vinque-se, porém, que a perspectiva aqui adoptada será sempre a portuguesa. Assim, não terão, neste contexto, nenhum papel os materiais galegos exclusivos. Por outro lado, uma 'máquina do tempo' portuguesa também funciona para o léxico galego. Como lembra Sánchez Rei (2005:618), «moitos dos fenómenos proscritos polos autores portugueses continuaron a vigorar en Galiza e mesmo algúns deles son, na actualidade, habituais inclusive na variedade padrón». É um facto particularmente visível nas *Ortografias* dos doutrinários de Setecentos, sobretudo Madureira Feijó e Luís do Monte Carmelo. Algumas das suas 'recusas' são outras tantas datações galegas. Pode, mesmo, conceber-se que um léxico que hoje só perdura em Portugal tenha sido um dia compartilhado com a Galiza, sem que disso reste documentação. Como o exprime Dubert-García (2017:52), «Nos textos escritos medievais [...] ó mellor faltan formas galegas populares que non chegaron a ser nunca recollidas nos textos escritos, ou só foron recollidas de forma anecdótica, por estaren socialmente estigmatizadas». O mesmo sucedeu, de resto, em Portugal, onde, como acima referido, materiais vernáculos comuns a português e galego, e de indesmentível fabrico medieval, só aparecerão documentados no teatro quinhentista.

4. A abundância do vocabulário ainda hoje *comum* ao galego e ao português correntes é, em si mesma, notável, após quase 900 anos de separação política. Uma primeira explicação: muito desse acervo é original galego, chegado na vasta herança linguística de que o Reino de Portugal foi beneficiário. Outros materiais, porém, terão sido objecto de uma transfusão, através dos séculos, entre os léxicos já autónomos galego e português. Dois cenários eventualmente cumulativos se desenham aqui: o de um intercâmbio fronteiriço e o de um intercâmbio migratório. Justificam o cenário *fronteiriço* os múltiplos contactos, até cerca de 1400, entre os dois territórios, estimulados tanto por uma organização eclesiástica que ignorava a fronteira política como pelos íntimos relacionamentos da nobreza a norte e sul do Minho. E era a classe nobre medieval quem, mais que as cortes reais, fazia do idioma um projecto político. Como escreve Miranda (2012): «A instituição do galego-português como *língua do poder de grandes grupos senhoriais* em fase de afirmação própria acabou por se tornar uma convenção plenamente assumida e compreendida ao longo de todo o século XIII, se não mesmo para além dos limites deste século» (destaque meu). Entretanto, e durante séculos, a situação linguística na Galiza mantinha-se estável. «Cando se aproxima o comezo do século XV, pódese afirmar que Galicia é monolingüe en galego, excluído tan só algún membro da alta xerarquía eclesiástica procedente de fóra do país» (López Carreira

2016). Por seu lado, um secular intercâmbio linguístico de tipo *migratório* é (embora falhem dados verificáveis) objectivamente admissível, dada a permanência em Portugal, sobretudo a partir do século XVIII, em ocupações remuneradas, de dezenas de milhares de galegos, que introduziriam no país de acolhimento elementos dum léxico até então só galego, e que, regressados, comunicariam à cidadania galega materiais duma fala que se conservava só portuguesa.

5. A escolha do Quinhentismo para objecto de exame conduz, naturalmente, a estabelecer 1600 como termo *ad quem*. Este corte cronológico não é, deve dizer-se, inteiramente arbitrário. Por essa altura, estão finalmente impressos Gil Vicente, Sá de Miranda, Camões, António Ferreira, Lucena, assim como o essencial de Luís Fróis, quinhentista a vários títulos central para a história do nosso léxico. Também nesse ano está redigida, sabemos, a *Origem da língua portuguesa* (1606) de Duarte Nunes de Leão.

6. Examinaremos com especial detenção o comportamento de Luís de Camões na área do léxico patrimonial, revelador de escasso empenho nele. Importa, contudo, e desde já, não projectar sobre os autores quinhentistas uma informação lexical que, na realidade, é só nossa. Com efeito, nem todo o léxico hereditário, longe disso, se achava *disponível* na enciclopédica do escrevente de Quinhentos. Dito doutro modo: uma era a factual memória lexical no período em apreço, outra é a memória cumulativa hoje identificável. Advirta-se, para mais, que o único instrumento lexicográfico português acessível no século, o *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinum*, de Jerónimo Cardoso (1569-70), além de estruturalmente dependente do castelhano Nebrija, é lexicalmente pobre, não incluindo um vasto vocabulário patrimonial com documentação anterior a 1500. Citem-se, entre outras ausências, os adjetivos *afeiçoado*, *brejeiro*, *caridoso*, *cheiroso*, *comezinho*, *desafeito*, *devasso*, *doentio*, *esfaimado*, *ferrugento*, *jeitoso*, *macio*, *medonho*, *nevoento*, *palavroso*, *possante*, *saudoso/soidoso*, *sobranceiro*. Seja lembrado, também, que o acesso a obras literárias anteriores à imprensa era então limitadíssimo, sendo a própria existência de bastantes delas simplesmente desconhecida. Com tudo isto, a abissal diferença do desempenho lexical vernáculo de Camões face ao de contemporâneos, com destaque para os citados dramaturgos Gil Vicente e Ferreira de Vasconcelos, é patente, e dificilmente explicável em termos de 'disponibilidade'.

7. Evite-se, ainda assim, um erro epistemológico, que consistiria em supor que o escrevente comum português estava ciente do cariz patrimonial, isto é, da *exclusividade autóctone* de dado vocabulário seu conhecido. Em nenhuma época isto vale, e menos ainda numa altura, como é o século XVI, em que esse tipo de informação era precário, quando sequer o houvesse. Ilustram-no o uso de um pseudo-castelhano, ou 'lusismos' indevidos, imiscuindo-se em textos de autores portugueses no idioma vizinho.

8. Uma advertência, também, para duas *distorções estatísticas*. Privilegiando o sector do adjectivo, postula-se a sua suficiente *representatividade* para o conjunto do léxico. Os resultados da observação de dois outros sectores, o dos verbos e o dos deverbais regressivos, ao descreverem cenários largamente sobreponíveis ao adjectival, vêm atenuar apreciavelmente um efeito distorcivo. Também a fixação na *primeira ocorrência documental* dos vocábulos, na sua 'estreia', pode perturbar uma justa visão dos dados. Mas atente-se, desde já, no sobreaviso de Benozzo (2007:17) sobre um «respecto feticheístico» pela primeira documentação: mais do que uma certidão de nascimento dum fenómeno, ela fornece a prova da sua circulação. A verdade é que só uma conjugação dessas datações com os factuais índices de frequência faria inteira justiça a autores de nítida índole vernácula, mas pouco inovativos em matéria lexical, como Bernardim Ribeiro ou Fernão Mendes Pinto. O presente exercício é, no fundo, um descoroçoante exame de verbetes. Ainda assim, os contrastes de presenças e ausências adiante avançados redundam em informação estatisticamente relevante.

Adjectivos patrimoniais anteriores a 1500

Até 1500, foram documentados 61 adjectivos ainda hoje correntes em galego e em português, e seus exclusivos. São eles:

abelhudo, afastado, afeiçoado, afoito/afouto, aleijado, amargurado, arrepiado, aturado, calaceiro, caridoso, cheiroso, corredio, derreado, desafeito, despido, desprezível, doentio, dorminhoco, emproado, encapelado, enojado, enrouquecido, esbaforido, esbulhado, escorregadiço/escorregadio, escumoso, espalhado, esquecido, estarrecido, fechado, fedorento, ferrugento, friorento, gabador, gaitero, jeitoso, lamoso, lixoso, louvaminheiro, macio, maninho, medonho, mexiriqueiro, mindinho, mirrado, morno, murcho, palavroso, peçonhento, pejado, pequeninho, podre, revoltado, salgado, sandeu, saudoso, soalheiro, sobranceiro, varado, vezeiro, vindoiro/vindouro

Do mesmo período datam os seguintes 54 adjectivos, considerados exclusivos do português:

abalado, açodado, alcandorado, amaldiçoado, apodrentado, apressado, aquecido, arrumado, arteiroso, atoladiço, atordado, azado, bicudo, bolorento, brejeiro, cabeludo, canhoto, carecido, comezinho, convinhável, costumeiro, degredado, desapossado, desprezível, devasso, doido/doudo, dorminhoco, engelhado, esfaimado, espalmado, estranhável, faceiro, franzido, fugidiço, invernos, iroso, malcheiroso, milhento, nevoento, palreiro, peco, possante, poupado, prendado, prestes, remediado, rendoso, roaz, sáfaro, somenos, useiro, valedio, veloso, verdoengo

Por prurido metodológico, ficaram excluídos destas listagens aqueles adjectivos que posteriormente passaram ao castelhano, e portanto não se mantiveram 'exclusivos'. Chamamos-lhes *lusismos*, sendo contudo provável que bastantes dos também galegos tenham sido adoptados na Meseta a partir dele, e sejam portanto *galeguismos*. Para uma pormenorizada exposição desta matéria (Venâncio 2017).

Dos documentados no nosso período e aceites também pela lexicografia galega, mencionem-se em castelhano *cabelludo*, *desasosegado*, *despejado* e *friolento*. Acrescentem-se *embozado* (de *embuçado*), *enfadado* e *mimoso*, de lexicografia só portuguesa. A ausência de *mimoso* nos recursos galegos de referência, não obstante a sua real frequência (o TILG cita 297 ocorrências em 140 textos diferentes), pode dever-se a ser encarado como castelhanismo a evitar.

Adjectivos patrimoniais documentados entre 1500 e 1600

Também o século de Quinhentos oferece abundante documentação de formas próprias. Como as anteriores, elas ocupam sobretudo áreas de tipo informal. Mas a formalidade encontra-se bem representada, com derivações tanto de materiais não exclusivos (como *cansativo*, *enfadonho*, *interesseiro*, *opiniático*, *prestadio*) como de bases já vernaculares (sejam exemplo *destemido*, de *destemer*, *lampeiro*, de *lampo*, *enviesado*, de *enviesar*, e este de *viés*).

Alistam-se primeiramente alguns autores importantes e distingue-se novamente entre 1. também galego e 2. só português.

Gil Vicente

1. *afoidado/afoutado*, *idoso*, *rabugento*, *rente*, *sorrateiro*, *toló*
2. *austinado*, *brigoso*, *desenfadadiço*, *marketado*, *rouquenho*

Sá de Miranda

1. *tristonho*
2. *achacadiço*, *ajuizado*

João de Barros

1. *nojento*, *rixoso*
2. *desnecessário*

Jorge Ferreira de Vasconcelos

1. *acanhado*, *amuado*, *carrancudo*, *corriqueiro*, *delambido*, *destemido*, *enfadonho*, *esgrouviado*, *fragueiro*, *interesseiro*, *ninhego* ('retirado do ninho')
2. *aprimorado*, *arrebicado*, *assomado* ('raivoso'), *birrento*, *cansativo*, *desamorável*, *desasado*, *desengraçado*, *deslustroso*, *desumano*, *engraçado*, *escarninho*, *esgalgado*, *fastiento*, *gorado*, *madraço* ('preguiçoso'), *meiguiceiro*, *opiniático*, *praguento* ('maldizente'), *prestadio*, *respeitador*, *sôfrego*

António Ferreira
2. *doudarrão, mal-assombrado*

Luís Fróis
1. *afervorado*
2. *figadal, penhorado* ('agradecido'), *plaino* ('plano'), *precatado*

Restantes autores
1. *abafadiço, achadiço, agourento/agoirento, alcoviteiro, alvacento, apavorado, avaliador, barrento, bicudo, carunchoso, conchegado, desleixado, esbugalhado, fanhoso, ferrenho, lampeiro, mouco, roufenho, sabichão*
2. *abençoado, acautelado, afrontoso, alcatifado, anafado, arento, arruado, assente, atabalhoado, azarento, bochechudo, bojudo, brigão, brônzeo, calmoso, cinzento, comichoso, definhado, deliciado, desafrontado, desinquietao, dobradiço, empanturrado, empoado, enfunado, entalado, entanguido* (tolhido de frio), *enviesado, esburacado, esconso, esgazeado, estourado, fujão, íngreme, lambareiro, patife, polpudo, vaganau* ('vagabundo')

O caso de *íngreme* é peculiar. No entender de Corominas e de J. P. Machado, tratar-se-ia dum germanismo (de **ingrimjis* 'terrível'). Some-se a isto ser ele, sob a forma *ingrimo, íngrima*, um lusismo com circulação na América hispânica.

Lusismos adjectivais castelhanos deste período são *calmoso, escotero* (de *escoteiro* 'ágil'), *felpudo, pasmoso*, e ainda *criollo* e *mascabado*, os únicos reconhecidos pelo DRAE.

Vários outros adjectivos com documentação no século XVI não lograram sobreviver nos usos do idioma. Citem-se *abeborado* ('murcho'), *açacalado* ('luzidio'), *altiperno, boquicheio, desafiuzado, encrudado* ('cruel'), *frascário/frasqueiro* ('libertino'), *gamenho* ('vadio'), *reboto* ('embotado'), *sabichoso, sengo* ('sisudo'), *sotrancão* ('dissimulado'), *tamanino* ('pequenino'), *tavanês* ('turbulento'), *tençoeiro* ('mal-intencionado'), *testudo, treçado* ('cruzado').

Pela sua notória quantidade, destacam-se aqueles encontráveis em dois autores:

Jorge Ferreira de Vasconcelos
ataimado ('matreiro'), *bajoujo* ('enamorado, baboso'), *casquicheio* (presunçoso), *desaventurável* ('desventurado'), *enxarondo* ('insípido'), *enxovedo* ('idiota'), *inventativo, refolhado* ('dissimulado'), *tedo* ('traíçoeiro'), *vidrento* ('melindroso')

António Ferreira
endoadado ('dolorido'), *fugidiço, mansarrão* ('pachorrento'), *palreiro, pechoso* ('obstinado, quezilento') *refolhado* ('dissimulador'), *tençoeiro* ('mal-intencionado')

Este cenário suscita algumas reflexões. Seria, com efeito, demonstrador de coerência que os críticos do bilinguismo luso-

castelhano quinhentista – como Fernão de Oliveira ou António Ferreira – fossem, eles próprios, impulsionadores duma genuinidade portuguesa. Não é o caso, porém. Os dois sinceros patriotas revelam-se, na materialidade da escrita, simples cumpridores da normalidade estabelecida. Em contrapartida, alguns dos escritores mais sistematicamente castelhanizantes – como Gil Vicente e Ferreira de Vasconcelos – são, exactamente, os maiores difusores dum léxico autóctone.

Ferreira, tanto pelos escassos materiais perduráveis que estreou como pela nítida opção por outros já então arcaizantes, está longe de provar-se aquele 'paladino do idioma' que a posteridade erigiu, embalada nos desassombrados versos dos *Poemas lusitanos* («Floresça, fale, cante, oiça-se e viva / a portuguesa língua, e já onde for, / senhora vá de si, soberba e altiva!») e no empenho em exprimir-se só em português, contra os castelhanizantes que explicitamente confronta. O seu léxico poético é, ele próprio, repetitivo e predominantemente convencional. O mesmo vale para outro estrénuo defensor do idioma, o coevo gramático Fernão de Oliveira, cujos escritos históricos ou de estratégia militar não brilham pelo cultivado, menos ainda pela criatividade, vocabulares.

A obra do bilinguista Jorge Ferreira de Vasconcelos apresenta-se como a denúncia perfeita desse projecto estreitamente nacionalizante. Na esteira de Gil Vicente, abundam nessa obra tanto um extenso léxico autóctone, que aí entra de rompão na escrita portuguesa, como um número apreciável de novos castelhanismos. Tudo indica que tanto a inovação vernacular como a inovação por empréstimo se articulam num mesmo *investimento* expressional. É um cenário histórico consistente, que vai repetir-se em Fialho de Almeida e Aquilino Ribeiro (Venâncio 2014¹), em José Saramago (Venâncio 2014²) e provavelmente também em António Vieira. Excepção notável é, de facto, Luís de Camões, cujo papel estudaremos agora em pormenor. Nesta pesquisa, foi de insuperável valia a *Concordância da Obra Toda*, de Telmo Verdelho (2012).

Camões e o léxico patrimonial

Os Lusíadas (1572), de Luís de Camões, contém 735 adjectivos diferentes. É um número absoluto, que só ganharia verdadeiro significado num confronto com obras coevas comparáveis. Mas a impressão é a de uma assinalável variedade.

Essa impressão ganha consistência num paralelo, parcial embora, com outra epopeia quinhentista, de dimensões semelhantes, *O Naufrágio de Sepúlveda* (1594), de Jerónimo Corte-Real. Em ambas se contabilizaram e compararam 14 adjectivos de grande frequência, com os resultados abaixo mencionados. A primeira quantidade pertence aos *Lusíadas*, a segunda a *Sepúlveda*.

Um primeiro grupo de 6 adjectivos muito frequentes apresenta contagens globalmente cotejáveis: *fermoso* 49 - 64; *ardente* 39 - 26; *famoso* 36 - 29; *poderoso* 14 - 17; *valeroso* 14 - 14; *furioso* 12 - 20.

Mas 8 outros adjectivos muito frequentes em *Sepúlveda* têm nos *Lusíadas* representação comparativamente ínfima: *grosso* 4 - 41; *espantoso* 1 - 40, *confuso* 6 - 30; *rigoroso* 3 - 22; *funesto* 0 - 19; *horrível* 0 - 16; *esforçado* 3 - 14; *fragoso* 1 - 12.

Não podem, obviamente, comparar-se o valor absoluto dos adjectivos nos *Lusíadas* e estes cálculos de cariz relativo. Mas um e outros parecem sugerir a particular variedade da adjectivação camoniana. Isto tem directa relevância na presente exposição, ao vincar o modesto contributo do grande Épico para o léxico hereditário.

Examinemos, primeiramente, os adjectivos patrimoniais usados por Camões na epopeia, na lírica e no teatro. No primeiro grupo, sublinham-se as formas que figuram também num dos dois outros.

Lusíadas

acautelado, afastado, afeiçoado, apressado, cheiroso, derradeiro, despido, doudo, enrouquecido, espalhado, esquecido, irroso, macio, medonho, marchetado, podre, possante, prestes, saudoso

Lírica

afouto, bonançoso, desasado, enfadonho, mavioso, peçonhento, tristonho

Teatro

abalado, fragueiro, madraço, morno, peço, praguento

Não pode, nem deve, atribuir-se decisivo significado a estas quantidades, já que, como lembrado acima, nenhum autor do período tinha conhecimento da totalidade, ou sequer da maioria, do léxico autóctone, quer o contemporâneo quer o precedente.

Facto é que, na área das *estreias* patrimoniais, tudo se resume a um único adjectivo: *insofrido*. Encontra-se ele nos *Lusíadas*, em «estas ondas insofridas» (V, 43), isto é, 'ainda não navegadas', sendo o significado actual 'impaciente'. É um cenário improvável, num universo pessoal superior às sete centenas de adjectivações. O contraste com assinaláveis exploradores do léxico adjectival autóctone, como Gil Vicente e Ferreira de Vasconcelos, não poderia ser maior.

Pode objectar-se não ser legítimo comparar a hierática linguagem da poesia, e mormente da epopeia, com a genérica informalidade da expressão teatral, estimuladora de soluções vernáculas. Assim é. Mas não só Camões foi, ele também, autor de peças teatrais, onde houve recurso a materiais do património, como era o próprio léxico vernáculo a fornecer (vimo-lo acima) exemplos de patente formalidade, convidativos a novos enriquecimentos, decerto para um autor de tão comprovada versatilidade. Dito doutro modo: é a própria exuberância do léxico adjectival camoniano que evidencia o drástico *desinvestimento* no sector patrimonial.

Comportamentos camonianos no terreno do *verbo* vêm confirmar essa opção do autor, por inconsciente que ela tenha sido. Na obra total de Camões, encontramos 68 verbos vernaculares. Seja anotado que 25 deles não constam do *Dicionário* de Cardoso.

abalar, abranger, acenar, achar, afeiçoar, afoutar-se, agastar, alumiar, amortecer, apressar, aquestar, arremessar, arrenegar, arrepiar, assobiar, assobradar, atear, atirar, aviventar, borriçar, bradar, bugiar, cheirar, cingir, constranger, degredar, deitar, dependurar, desapossar, desimpedir, despir, devassar, duvidar, embirrar, empenar, empregar, emprestar, encher, endireitar, endoudecer, enjeitar, enrouquecer, enxergar, enxerir, esbombardear, esconjurar [? num mote], esfarrapar, espalhar, espancar, espraiar, espreitar, esquecer, fechar, ficar, lembrar, louvar, marchetar, murchar, namorar, nomear, olhar, pendurar, pentear, possuir, praguejar, salgar, sarar, sobejar.

É, em si, um número apreciável. Mas, de novo, as *estreias* patrimoniais são apenas duas: *alinhar* e *marejar*. Acham-se na peça *Filodemo* (de 1555): «Romper mea dúzia de serviços / assim alinhavados às pandeiretas», «Senhora! Quanto há que nos olhos / lhe vi marejar esse amor».

Elucidativo é também o sector dos *deverbais regressivos* patrimoniais. Camões faz uso de 22 com documentação anterior: *abalo, aceno, afago, afronta, apito, balanço, brado, cheiro, desarranjo, desgosto, escusa, estouro, fala, furo, ganho, lanço, mergulho, molho, pejo, perda, pingo, posse*. Mas não estreia, ele próprio, nenhum, nisso contrastando, mais uma vez, com Ferreira de Vasconcelos, em cuja obra achamos *abafo, assobio, borriço, conchego, descante, enleio, pulo, refestelo, vasculho*.

É nítido, pois o desinvestimento de Camões em matéria de léxico patrimonial. Duas minúsculas prospecções contribuirão, suplementarmente, para demonstrá-lo.

Observe-se, primeiro, o campo semântico patrimonial de 'corajoso'. Nele existem, em Quinhentos, *afaitado / afoutado, afoito / afouto, brigoso e destemido*. Disto, a obra camoniana contém uma única ocorrência: a de *afouto*, na *Lírica* («que na Áurea Quersoneso afouta mora»). Em contrapartida, é abundante nele um léxico compartilhado com o castelhano. Especifica-se o número de ocorrências na obra toda: *animoso* 9, *atrevido* 6, *bravo* 36, *denodado* 3, *esforçado* 10, *impetuoso* 2, *intrépido* 2, *ousado* 19, *temerário* 7, *valente* 11, *valeroso / valoroso* 19.

Cenário em tudo semelhante é o descrito pelas famílias lexicais de 'apartar' e 'afastar'. O *Corpus do Português* de Davies/Ferreira contém, para o conjunto do século XVI, 278 ocorrências de *apartado*, lexema coincidente com o castelhano, contra 113 do patrimonial *afastado*. A discrepância é particularmente severa em *apartamento*, com 79 ocorrências, e *afastamento*, com 2. Também no *Dicionário* de Jerónimo Cardoso a desproporção é imensa: *apartamento* 21 – *afastamento* 1.

Na obra camoniana, o contraste é igualmente brutal: *apartado* 20 – *afastado* 1; *apartar* 33 – *afastar* 0; *apartamento* 14 – *afastamento* 0. Algum, mas mínimo, contrapeso a estes números é dado por *alongar* como sinónimo de 'afastar' (de precedentes medievais nos dois idiomas), com 2 ocorrências do adjectivo *alongado* e 4 do verbo *alongar*.

Estamos perante uma inequívoca *colagem ao castelhano*. Ela continua patente nas 15 criações castelhanas (não 'latinismos') que Camões introduz em circulação portuguesa: *alvorocado*, *atinado*, *condoído* (de *condolido*), *desabrido*, *disfarçado* (de *disfrazado*), *desusado*, *diamantino*, *embravecido*, *enamorado*, *garço*, *matizado*, *polvoroso*, *pressuroso*, *sobre-humano*, *sublimado* ('célebre'). Superior é a quantidade de *latinismos* (contei 104) por ele estreados em escrita portuguesa, que já circulavam em castelhano, e faziam, portanto, parte da bagagem passiva do português culto da altura. Desses latinismos, um número apreciável vinha da leitura de Juan de Mena (m. 1456) e de Garcilaso de la Vega (m. 1536), autores de referência no Portugal de Quinhentos.

Seja sublinhado: mais de cem latinismos adjectivais, mesmo se já correntes em castelhano, é obra. Mas um contemporâneo, o jesuíta Luís Fróis (que escrevia no Oriente, mas publicava no Reino) adiantou-se a Camões na introdução de outros 80 adjectivos em iguais condições. Em 15 casos dos dois totais, é mesmo impossível decidir qual dos dois levou a palma. Enquanto não se esclarece a questão, conto-os como contributos camonianos.

Tudo isto significa que um Camões 'enriquecedor do idioma' é factual. Aos dados já explicitados, têm de ajuntar-se os latinismos que o português conservou em uso exclusivo (*abominoso*, *celso*, *cógnito*, *frondente*, *fulvo*, *piscoso*, *rúbido* e *famulento*, um pseudolatinismo) ou que só acharam na posteridade reduzido eco, quando acharam algum (*crástino*, *equório*, *estelante*, *estelífero*, *inconcesso*, *módulo*, *quadrupedante*, e outros), mais 16 estreias peninsulares latinas de que o castelhano veio a tirar rastreável proveito (*altíssimo*, *esquálido*, *estridente*, *flavo*, *hirsuto*, *horrissono*, *ignavo*, *imaturato*, *infando*, *lanífero*, *obsequente*, *ovante*, *pânico*, *rábido*, *sibilante*, *undívago*).

O enriquecimento adjectival pela pena camoniana foi, repita-se, uma realidade. Mas tudo isso é, como contributo original português, uma ampliação curta, sendo também modesta a já exposta renovação patrimonial: o adjectivo *insofrido* e os verbos *alinhar* e *marejar*. Não sabemos se esta carestia se mantém num domínio mais extenso, o do substantivo. Se for o caso, o 'portuguesismo' da intervenção lexical camoniana revela-se da ordem do mito.

Observações finais

Ivo Castro dedicou à 'Língua de Camões' um longo artigo, onde faz a caracterização do consabido «discurso camonista», que vê a «língua patrimonial» como algo que «se ofereceu como matéria-prima ao ofício de Camões» e por ele transformada «em uma língua nova, boa

para durar séculos» (2011/2017:199). É, reconhecemo-lo, a concepção mítica, eufórica, do papel de Camões na história do idioma.

Trata-se de um trabalho elucidativo e estimulante. Mas a informação histórica lexical, demasiadamente devedora a Manuel de Faria e Sousa e Joan Corominas, não permite senão resultados aproximativos. Hoje, vários e nutridos *corpora*, se criteriosamente manuseados, permitem, pelo cruzamento de dados, uma precisão que, há decénios, era impensável. No artigo de Ivo Castro, são exactas as atribuições de primazia latina a Mena e Garcilaso. Mas a persistente fama do Épico como sorvedor directo nas fontes latinas («A grande fonte da inventiva linguística de Camões encontra-se no latim») impede a visão da larga dívida a latinismos já em uso em castelhano.

Ora, tanto em Portugal como no Oriente (e Goa era um centro cultural pujante), as obras impressas em castelhano, desde os recursos lexicográficos às obras de espiritualidade, superavam em muito as disponíveis em português, e eram sobretudo aquelas as que o leitor cultivado consumia. Não é de mais dizer que ele era 'educado' em castelhano e que era com materiais cultos aprendidos em leituras castelhanas que o seu português se enriquecia, sendo a efectiva origem dos materiais (latina, ou já castelhana) secundária, se não indiscernível, para os utentes, tanto mais que, de muitas dessas palavras, rapidamente se perdia a noção de serem importadas. Em suma: quando se estudam os processos lexicais no português desta época, importa manter dentro no campo de visão o castelhano, essa *referência lexical culta* dos portugueses entre 1450 e 1730.

Infere-se que o *projecto camoniano* para a língua não incluía o aproveitamento do léxico patrimonial, e antes visava, conscientemente ou não, um horizonte bem mais entusiasmante e motivador: agilizar o português, torná-lo 'internacional', graças a uma crescente confluência com o castelhano. Esta ingente operação (provavelmente inconsciente, insista-se) permitiria o consumo directo de produções nacionais ao leitor estrangeiro, decerto o peninsular, mas igualmente o europeu culto, que à época lia com proficiência produtos em castelhano. Neste contexto, o cultivo dum léxico *caseiro* não favorecia quaisquer ambições.

Esse *esforço de convergência* com o prestigioso idioma centro-peninsular não foi só tarefa de Camões, e sim uma genérica tendência quinhentista, documentável noutros importantes autores como os dois dramaturgos já citados, e ainda João de Barros e os jesuítas Luís Fróis e João de Lucena.

Essa convergência não parece, de resto, ter nunca assustado os quinhentistas portugueses. «Não porque se tivessem conformado com a absorção e trituração do próprio idioma pelo do vizinho, mas por alimentarem uma expectativa inconfessável e ambiciosa: a de se apoderarem, um dia, do idioma dele. Assim encarada, uma crescente proximidade face ao castelhano, longe de constituir uma ameaça, vinha provar a viabilidade de um projecto altamente motivador, o de *iberizar* o português» (Venâncio 2014²:136). Em jargão actual, diríamos que se visava um aumento do 'estatuto' internacional do

português, mediante uma aliança estratégica com o castelhano. Era, no fundo, um desígnio patriótico.

Só que nenhuma tomada de posição explícita o reconheceria. Nos raros momentos em que essa gradual proximidade ao castelhano sobe à consciência, o movimento reflexo é, sempre, o de negá-la e mesmo desacreditá-la (Venâncio 2013:322-324). Mas, por informe, ou inconsciente, ou combatido que fosse, esse projecto continuaria a inspirar o século seguinte, e só a confluência de factores históricos e culturais de inícios de Setecentos preveniu a tempo um estágio irreversível (Venâncio 2014²:142).

Se é certo não acharmos, na produção metalinguística do século XVI, nenhum incentivo explícito à referida deriva, e termos nós portanto de inferi-la dos factuais comportamentos linguísticos, existe pelo menos uma importante tomada de posição que objectivamente a sanciona.

Na sua *Origem da língua portuguesa*, pronta desde 1600, Duarte Nunes de Leão defende que «se não deve ouvir uma seita de homens *que querem que o que se fala ou escreve seja por palavras costumadas e antigas*, e que os homens do vulgo entendam, sem inovar vocábulos, que é razão de homens de pouco discurso e sem erudição. Porque, se essa regra se guardara, e não renováramos vocábulos, ou *não os tomáramos emprestados quando os não temos nossos*, estivera a língua portuguesa e as outras mais de Espanha na torpe rudeza em que a princípio estavam» (1606/1983:319, destaques meus). Assim, enquanto as palavras «costumadas e antigas» se vêem degradadas em estatuto, a conveniente renovação deverá recorrer ao ordinário empréstimo de outras línguas, e não, como poderia aventar-se, à exploração e aproveitamento de materiais já disponíveis no idioma.

Isto parece favorecer a tese, expendida neste trabalho, dum esforço quinhentista, implícito mas actuante, pela *internacionalização* do léxico português, iniciada pela apropriação de recursos castelhanos. E essa apropriação foi abundante. Só no decorrer do século XVI o português incorporou 246 adjectivos de fabrico castelhano próprio (os 15 adoptados por Camões são, até, modestos) e introduziu no léxico culto centenas de latinismos já em uso na Meseta.

O preço a pagar por essa internacionalização do português só poderia ser a progressiva secundarização do léxico patrimonial, já de si diminutamente estandardizado e com graves deficiências lexicográficas. Para mais, a gradual integração e 'vernaculização' (Venâncio 2014²) dos materiais castelhanos tornava menos premente, menos rentável, investir a fundo em terminologias de fabrico próprio, por exploração de bases exclusivas ou compartilhadas.

A esta luz, o 'Século de Ouro' português quinhentista afigura-se-nos um gigantesco jogo de azar linguístico, inspirado por um desígnio patriótico que, por sincero, não era menos perigosamente arriscado. Quando, em inícios de Setecentos, este processo for revertido, será para encetar um em tudo semelhante: a actualização do léxico português pelo recurso ao francês, operação também ela secular e complexa, mas agora debatida na praça pública, objecto de abertas

resistências, e contudo sub-repticiamente triunfadora. Esta história, a do galicismo em português, precisa, ela também, de ser detidamente contada.

Que o léxico patrimonial tenha sobrevivido à turbulência internacionalizante de Quinhentos, e o tenha feito com a frescura e a vitalidade que nele hoje ainda observamos, eis o que terá de ser explicado. Além dos factores históricos e culturais que, em Setecentos, atalharam essa deriva, poderiam actuar, na sustentação desse léxico, mecanismos *intrínsecos* que os assépticos projectos de afirmação linguística não atingem nem desvirtuam.

Referências bibliográficas

- Benozzo, Francesco. 2007. "A área galega na prehistoria lingüística e cultural de Europa." *A Trabe de Ouro* 71:13-39.
- Castro, Ivo. 2011/2017. "A língua de Camões". In Vítor Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Caminho, págs. 461-469. Reeditado em: *A Estrada de Cintra. Estudos de linguística portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2017, págs. 199-215 (cita-se esta reedição).
- Dubert-García, Francisco. 2017. "Sobre a *Gallaecia Magna* e as relações históricas e xeolingüísticas entre Galego, português e asturiano". *Estudis Romànics*, 39:43-69.
- Feijó, João de Morais Madureira. 2008. *Ortografia*, ed. Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre & Isabel Prates, Aveiro, Universidade de Aveiro.
- Gonçalves, Maria Filomena. 2005. "Da 'francezia' ou o problema das palavras afrancesadas no século XVIII: as ideias de António Neves Pereira". *Estudios Portugueses*, 5, 45-62.
- Gonçalves, Maria Filomena. 2007. "A variação lexical no discurso metalinguístico de Setecentos: apontamentos sobre o arcaísmo". In Clotilde Murakawa & Maria Filomena Gonçalves (orgs.), *Novas contribuições para o estudo da história e historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: FCL-Unesp, pp. 45-73.
- Leão, Duarte Nunes de. 1606/1983. *Ortografia e origem da língua portuguesa*, ed. Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- López Carreira, Anselmo. 2016. "O Reino de Galicia no remate da Idade Media". In *A língua galega no solpor medieval*, ed.

- Ramón Mariño Paz e Xavier Varela Barreiro, 17-35. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- Maia, Clarinda de Azevedo. 1995. *História da Língua Portuguesa. Guia de estudo*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Miranda, José Carlos Ribeiro. 2012. "O galego-português e os seus detentores ao longo do século XIII". *e-Spania*, 13, Junho (online).
- Sánchez Rei, Xosé Manuel. 2005. "Os falares populares portugueses dos séculos XVI-XIX: información (in)directa sobre o galego da época". In *Gramática e humanismo. Actas do Colóquio de homenagem a Amadeu Torres*, vol. I, ed. Miguel Gonçalves e.a., 615-630. Braga:UCP.
- Venâncio, Fernando. 2013. "Atitudes portuguesas face ao castelhano". In *Contacto de linguas, hibrididade, cambio: contextos, procesos e consecuencias*, ed, Eva Guggenberger, Henrique Monteagudo & Gabriel Rei-Doval, 315-326. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Instituto da Língua Galega.
- Venâncio, Fernando. 2014¹. "José Saramago e a iberização da língua portuguesa". In "*O que transformou o mundo não foi uma utopia, foi uma necessidade*": *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*, ed. Burghard Baltrush, 95-126. Berlin: Frank & Timme GmbH Verlag.
- Venâncio, Fernando. 2014². "O castelhano como vernáculo português". *Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía* 8:127-146.
- Venâncio, Fernando. 2017¹. "Verbos exclusivos do Galego-Português moderno: história e metodologia". In *Actas do III Congresso Internacional de Linguística Histórica*, Santiago de Compostela, 483-498 (em actualização).
- Venâncio, Fernando. 2017². "Lusismos y galleguismos en uso en español. Una revisión crítica". In *Español y Portugués en contacto. Préstamos e interferencias*, Dolores Corbella & Alejandro Fajardo (eds.), Berlin / Boston, De Gruyter / Mouton, págs. 19-36.
- Verdelho, Telmo. 1981. *As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Verdelho, Telmo & João Paulo Silvestre. 2007. *Dicionarística portuguesa. Inventariação e estudo do património lexicográfico*, Aveiro, Universidade de Aveiro.

Vilela, Mário. 1980. *O léxico da simpatia. Estudos sobre o campo lexical da determinação substantiva de simpatia humana e social, 1850-1900*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.

Bibliografia recente recomendada

Álvarez Pérez, Xosé Afonso. 2013. "A fronteira entre galego e português. A perspectiva portuguesa". In *Contacto de linguas, hibridade, cambio: contextos, procesos e consecuencias*, ed. E. Gugenberger, H. Monteagudo, G. Rei-Doval, 97-136. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega/Instituto da Lingua Galega.

Cardeira, Esperança. 2013. "Retorno à história da língua". In *Ao sabor do texto. Estudos dedicados a Ivo Castro*, ed. Rosario Álvarez e.a., 91-105. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega/ Universidade de Santiago de Compostela.

Carrasco González, Juan M. 2016. "A lingua portuguesa na fin da Idade Media". In *A lingua galega no solpor medieval*, ed. Ramón Mariño Paz, Xavier Varela Barreiro, 37-66. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

Castro, Ivo. 2013. "Formação da língua portuguesa". In *Gramática do Português*, ed. E. Paiva Raposo e.a., 5-14. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, Sónia, 2015. "O galego nos textos metalinguísticos portugueses (séculos XVI-XIX)". *Revista Galega de Filoloxía*, 16:75-105.

Lagares, Xoán Carlos. 2012. "Galego-Português-Brasileiro: os desafios de uma perspectiva histórica integrada". In *Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança*, ed. Xoán Carlos Lagares, Henrique Monteagudo, 11-36. Niterói: Editora da UFF.

Monteagudo, Henrique. 2017. "A lingua no tempo, os tempos da lingua. O galego, entre o português e o castelán". In *Gallæcia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*, 17-60. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (online).

Pazos, Carlos. 2012. "De João de Redondella a Os galegos são nossos irmãos. Aproximação à imagem da Galiza e dos galegos em Portugal nos inícios do século XX". In *Imagologías ibéricas: construyendo la imagen del otro peninsular*, ed. María Jesús

Fernández García, Maria Luísa Leal, 379-386. Mérida: Gobierno de Extremadura.

Dicionários e bases de dados

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. *Corpus de referência do português contemporâneo* (CRPC). alfclul.clul.ul.pt/CQPnet

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. *Corpus informatizado do português medieval* (CIPM). cipm.fcsh.unl.pt

Cunha, Antônio Geraldo da. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (cd-rom).

Davies, Mark. *Corpus del español*. www.corpusdelespanol.org/x.asp

Davies, Mark, Michael J. Ferreira. *O corpus do português*. www.corpusdoportugues.org/x.asp

González Seoane, Ernesto, María Álvarez de la Granja, Ana Isabel Boullón Agrelo. *Dicionario de dicionarios do galego medieval* (DDGM). Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega (cd-rom).

Grupo de investigación lingüística e literaria galega (ILLA). *Glosario da poesía medieval profana galego-portuguesa, glossa.gal*

Edicións Xerais de Galicia. *Dicionario Xerais da Lingua*, 9ª ed., Vigo, 2014.

Houaiss, Antônio, Mauro de Salles Villar. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro (cd-rom).

Instituto da Lingua Galega. *Corpus Xelmírez. Corpus lingüístico da Galicia medieval* (Xelmírez). sli.uvigo.es/xelmirez

Instituto da Lingua Galega. *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, ilg.usc.es/tesouro

Instituto da Lingua Galega. *Tesouro informatizado da lingua galega* (TILG). ilg.usc.es/TILG

- Instituto da Língua Galega. *Tesouro medieval Informatizado da língua galega* (TMILG). ilg.usc.es/tmilg
- Machado, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*, 4 vols. Braga: Edições Vercial, 2015.
- Machado, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- Real Academia Española. *Corpus Diacrónico del Español* (CORDE) (online).
- Real Academia Española. *Diccionario de la Lengua Española* (DRAE) (online).
- Santamarina, Antón. *Dicionario de dicionarios*. Santiago de Compostela: Biblioteca Filolóxica Galega (cd-rom).
- Universidade de Coimbra. *Corpus Electrónico do CELGA*. www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc
- Verdelho, Telmo, 2012. *Luís de Camões. Concordância da obra toda*, Coimbra, Centro Universitário de Estudos Camonianos.
- Verdelho, Telmo, João Paulo Silvestre. *Corpus Lexicográfico do Português* (DICI). Universidade de Aveiro, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. clp.dlc.ua.pt/DICIweb